

## ZAPATISMO: 10 ANOS, APENAS UM COMEÇO\*

LUIS HERNÁNDEZ NAVARRO\*\*

“Os homens são donos de seu destino em um certo momento. A culpa, querido Bruto, não está em nossas estrelas, senão em nós mesmos”, escreve William Shakespeare em Julio César.

Há 10 anos, em 1º de janeiro de 1994, camponeses e indígenas rejeitaram em Chiapas o desígnio das estrelas e romperam violentamente com o governo de seu próprio destino. Em meio a um profundo conflito agrário sem perspectivas de solução, a proliferação de reivindicações indígenas e um sistema regional de domínio arcaico romperam a palestra política, se desfizeram de seus representantes tradicionais e fixaram o ponto de partida para formar um novo regime que

hoje, há 10 anos de distância, toma forma, entre muitas outras criações, nos municípios autônomos e na junta de bom governo.

Esses camponeses e indígenas zapatistas foram, e são a seu modo, os herdeiros e continuadores da bola, esse conglomerado de classes, frações de classe, pequenas comunidades e grupos em ação que se puseram em movimento durante a Revolução mexicana de 1910 – 17.

Os rebeldes não buscaram tomar o poder e assim o fizeram desde o primeiro momento. Na Primeira Declaração da Selva Lacandona, chamaram a depor ao usurpador que se fez dono do controle do Estado por meio de enganos e convocaram a outros poderes para que se fizessem cargo da situação.

Simultaneamente se apresentaram como um movimento contra a opressão e pela liberação do povo, procurando um programa de demandas históricas que mantém até hoje.

\* Este artigo foi publicado em espanhol pelo jornal mexicano *La Jornada* o dia 04/01/04.

\*\* Jornalista mexicano.

O aprofundamento original do zapatismo – segundo disse o ensaísta Tomás Segovia – é que uma rebelião armada siga conservando fielmente os traços de um protesto social e não os de uma revolução política. Esse protesto pôs em questão a legitimidade do poder.

A rebelião se assume a si mesma desde a soberania da sociedade e não reconhece intermediários para uma ação. É expressão de uma sociedade e reflete sobre sua natureza e seu destino que dá a si mesmo suas próprias normas e ao fazê-lo se institui.

No momento de definições o zapatismo se qualificou como força rebelde, não revolucionária. O revolucionário- assimilou- quer tomar o poder de cima e desde aí transformar a sociedade; o rebelde, ao contrário, busca discutir e corroer o poder; se nega a obedecer a quem tem autoridade sobre ele. Esta definição não exclui a enorme transformação social e política que a rebelião tem produzido como resultado do rompimento violento das massas no governo de seu próprio destino, uma das definições clássicas do que é uma revolução

A rebelião é também um movimento insurgente, isto é, expressão daqueles que se têm declarado coletivamente contra as autoridades e estão em luta contra elas. E ainda é porque é fundadora de novos valores. “Nós dissemos – escreveram os zapatistas – que nosso dever é começar, seguir, acompanhar, encontrar e abrir espaços para alguma coisa e para alguém, e nós estamos incluídos.” Esses espaços são, no mais amplo sentido da palavra, valores. Encarnam um sentimento: a vigilância reivindicativa dos direitos e princípios fundamentais frente aos atropelos da ordem.

Os insurgentes nem sempre atingem os movimentos que iniciam, mas ficam na história como atores de processos fundadores. Dure ou

seja esmagado o levantamento, nada fica como antes: as mentalidades mudaram, se abrem novos horizontes. Os olhos de todos veem de repente realidades que ninguém queria ver. Seja qual for o destino final da insurreição zapatista, a mudança social está aí em seu papel de fermento produtor de novas formas de ver.

O zapatismo não se propõe ocupar o governo, nem tomar o poder, se coloca frente ao poder, resiste a ele. Não é um partido de oposição, não fala sua linguagem, não se move em torno das instituições políticas tradicionais. Não se propõe substituir uma equipe de governo por outra e se nega a comportar-se com as regras do jogo do poder como fazem os partidos de oposição. Não o é porque a oposição se opõe a um governo, mas não ao poder, enquanto a rebelião se opõe ao poder e rejeita suas regras do jogo.

Os rebeldes são outro jogador que, em lugar de mover as peças do xadrez da política institucional, dá xeque aos adversários pondo sua bota no tabuleiro. Os rebeldes resistem e organizam a resistência; rejeitando a política tradicional ou a classe política não querem

*Seja qual for o destino final da insurreição zapatista, a mudança social está aí em seu papel de fermento produtor de novas formas de ver.*

dizer que desertam da política senão, como disseram, de “uma forma de fazer política”.


A rebelião resiste, isto é, afirma sua potência, sua capacidade de invenção, de produção, de sentido. Defende os direitos e valores que o poder atropela, reprime, relega.

Resiste, desde sua singularidade, às propostas de formato social desde a ordem constituída. Resiste à injustiça realmente existente. Resiste e anima a utopia. Resiste e reconquista a vida. “Morra a morte, viva a vida”, clamaram os zapatistas no primeiro de janeiro do ano passado (2003) em San Cristóbal de las Casas.

A resistência antecipa a possibilidade de levar a cabo outro tipo de política e de programa. Longe de rejeitar as possibilidades de

transformação social profunda, as possibilita. Que não exista hoje plenamente essa política não quer dizer que não vá existir. Sua presença está contida nas resistências de todo o mundo.

Assim como em 1994, aqueles que agora

sustentam que o momento do zapatismo já passou, não têm idéia do que dizem. O ciclo de lutas aberto em Seattle e em América Latina demonstra que, a 10 anos de distância a era do zapatismo apenas começa. 





**OUTRAS  
PEGADAS**

Vol. 4, Nº 1

# Pegada Eletrônica

[www.prudente.unesp.br/ceget/pegada](http://www.prudente.unesp.br/ceget/pegada)

Apresentação

Antônio Thomaz Júnior

Por uma Geografia do Trabalho

Jorge Montenegro Gómez

La Actualidad del conflicto entre el Capital y el Trabajo en el medio Rural Brasileiro

Marcelo Dornelis Carvalho

A Geografia Sindical da formação profissional: uma contribuição para a interpretação ontológico-geográfica do mundo do trabalho.

Marcelino Andrade Gonçalves

Informalidade e Precarização do Trabalho no Brasil

Maria Franco Garcia

Trabalhadoras Rurais e luta pela terra: Interlocução entre Gênero, Trabalho e Território

**Sonia Maria Ribeiro de Souza**

O MST e a Mídia: O Fato e a Notícia

**Marcelo Rodrigues Mendonça**

A Modernização da Agricultura e os Impactos sobre o Trabalho

**Renata Cristiane Valenciano**

O Papel da mulher na luta pela terra. Uma Questão de Gênero e/ou Classe?

Ana Maria Soares de Oliveira.

Relação Homem/Natureza no modo de produção Capitalista

Terezinha Brumatti Carvalho

Gênero e Trabalho: A participação da Mulher nos Sindicatos de Presidente Prudente

Júlio César Ribeiro

Geografia do Trabalho e Desenvolvimento Desigual-Combinado dos Espaços Mundiais: Gênese e Estrutura da Escravidão Capitalista